Dia 20 — São Félix de Valois

Martirológio Romano

São Félix de Valois, confessor. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos mártires Ampelo ou Ampélio e Caio, em Messina, na Sicília. (Padeceram no tempo do imperador Décio e, postos no potro, morreram destroçados. A cidade de Messina, sua pátria, tem recebido por sua intercessão grandes favores do céu.)

Os santos mártires Otávio, Solutor (ou Solutório) e Adventor, soldados da legião Tebana, em Turim; os quais, peleando valorosamente pela fé católica, alcançaram a coroa do martírio no tempo do imperador Maximiano. (Conserva-se um panegírico de Santo Ambrósio, arcebispo de Milão, em honorífica memória destes Santos.)

Santo Ágapo, mártir, em Cesareia da Palestina; o qual, no tempo do imperador Galério Maximiano, foi condenado às feras e, não tendo recebido delas lesão alguma, atando-lhe pedras aos pés foi submergido no mar (onde expirou pelos anos de 303 ou 306).

O martírio dos santos Narses (ou Nersa), bispo, e seus companheiros, na Pérsia (na perseguição de Sapor II, pelos anos de 343).

Santo Dásio, bispo, em Durostoro, na Mísia; ao qual condenou à morte o presidente Baso porque não quis consentir nas desonestas festas Saturnais. Os santos mártires Eustáquio, Tespésio e Anatólio, em Niceia da Bitínia, na perseguição de Maximiano. (Beda estabelece sua morte no ano 237.)

Os santos mártires Baso, Dionísio, Agapito e outros, em Heracleia da Trácia.

Santo Edmundo, rei e mártir, na Inglaterra. (Veja-se sua vida entre as de hoje.) São Gregório de Decápolis ou Decapolita, em Constantinopla; o qual padeceu muitas perseguições pelo culto das santas imagens. São Benigno, bispo, em Milão; o qual, em meio das grandes perseguições consequentes às irrupções dos bárbaros, governou sua igreja com suma constância e religião. (Floresceu no século V.)

São Silvestre, bispo, em Chalon; quem aos quarenta e dois anos de seu pontificado, cheio de dias e virtudes voou ao Senhor. (São Gregório de Tours faz um panegírico deste Santo no cap. 61 de seu livro *De gloria Confessorum*.)

São Simplício, bispo e confessor, em Verona. (Durante as calamidades que afligiram a Itália quando a invasão dos bárbaros, constituiu-se este santo Bispo em pai de todos e mediador entre os vencedores e os vencidos, pois não havia coração, por duro que fosse, que pudesse resistir a sua fé, sua bondade, seu zelo e sua caridade.)

São Félix de Valois

São Félix, da real casa de Valois, nasceu no dia 19 de abril do ano de 1127. Desde menino se conheceu o que havia de ser depois, assomando-se já desde então muitos sinais de sua futura santidade, particularmente de seu terno amor aos pobres, com quem, quando já mocinho, repartia dos pratos mais delicados que lhe serviam à mesa. Mais de uma vez se despojou de seu próprio vestido para cobrir a nudez de algum necessitado. Obteve o perdão de um réu condenado à morte, prognosticando com luz do céu que aquele homicida seria daí em diante um homem muito exemplar; e o sucesso acreditou a profecia. Tendo passado seus floridos anos no exercício da virtude, todos os pensamentos de Félix se converteram para a solidão, desejoso de entregar-se inteiramente a Deus e persuadido de que nunca se gosta mais do Senhor que quando a alma totalmente se desvia e se afasta do mundo. Os gritos deste não penetram ao deserto, e, em não deixando-se perceber de nós o buliçoso estrépito do mundo, então nos fala Deus ao coração, consistindo nesta íntima comunicação de Deus com a alma e da alma com Deus aquelas inefáveis doçuras que as almas santas gostam já desde esta vida. Retirou-se, pois, Félix do mundo para entregar-se mais livremente à contemplação de seu Deus; mas antes quis receber o sacerdócio para cortar toda esperança de subir ao trono da França, de que não estava muito distante, em virtude da lei Sálica que exclui as fêmeas da sucessão à coroa.

Ordenado de sacerdote nosso Santo, retirou-se ao deserto, onde entabulou uma vida muito penitente, mas adoçada sua austeridade com a abundância de celestiais consolos. Quanto mais se empenhava ele em negar ao corpo as comodidades desta vida, mais se empenhava Deus em regalar a sua alma com o alimento do céu; debilitava-se aquele com o jejum, e esta se fortalecia com os dons do Senhor. Assim vivia Félix na solidão esperando acabar nela seus dias desta maneira e reduzindo-se toda a sua ambição a viver e morrer no deserto, desconhecido aos homens e entregue a Deus unicamente. Mas, como eram muito diferentes os altos fins da divina Providência, dispôs que se fosse ao mesmo deserto aquele que tinha destinado para companheiro de Félix na execução de seus intentos. Era um cavaleiro provençal, jovem, teólogo e doutor da universidade de Paris, chamado João de Mata; o qual, movido de uma visão que teve quando celebrou sua primeira missa e noticioso da virtude de nosso solitário, foi expressamente buscá-lo para entregar-se a sua direção e aprender em sua escola os caminhos da perfeição a que se sentia chamado. Recebeu Félix com amor o discípulo que lhe enviava o céu e repartiu com ele os tesouros com que o Espírito Santo o havia enriquecido. Caminhavam juntos pelo caminho da perfeição: eram dois atletas que corriam a um mesmo tempo por uma mesma carreira, a um mesmo termo e aspiravam a igual prêmio. Animava a ambos um mesmo ardor, um mesmo fervor, e era um mesmo em ambos o amor de Deus. Iguais um e outro na inclinação a mortificar-se, nenhum meio omitiam para contentá-la: seu alimento era a oração, e Deus o único assunto de todas as suas conversações. Assim passaram alguns anos numa vida penitente e toda recolhida

em Deus, até que João declarou a Félix o pensamento que o céu lhe havia inspirado em sua primeira missa sobre dedicar-se a solicitar a liberdade dos cativos cristãos que gemiam sob a escravidão dos mouros, exposta sua religião a um contínuo perigo. Referiu-lhe a visão que teve então no oratório do bispo de Paris à mesma elevação da hóstia, representando-se-lhe no ar um Anjo em figura de um bizarro jovem, vestido de branco, e na veste uma cruz vermelha e azul com dois cativos de diferentes regiões, cada um a seu lado, oprimidos ambos de cadeias e levantadas as mãos, como pedindo com ânsia que os livrasse daquela opressão. Estava João referindo a Félix esta visão e a impressão que havia feito em sua alma, sentindo-se desde então abrasados num aceso zelo pela redenção dos cativos cristãos que gemiam sob a tirania dos infiéis, quando os dois viram vir para si um corpulento cervo, entre cujos dois chifres se deixava ver uma cruz, em tudo semelhante à que se registrava na veste do Anjo que havia aparecido a São João de Mata. À vista daquele prodígio não lhes ficou a menor dúvida do que o céu queria dos dois em ordem aos cristãos cativos; e desde o mesmo ponto começaram a pensar seriamente nos meios de pôr em execução as disposições do céu.

Entretanto, à fama dos dois santos solitários havia concorrido ao deserto grande número de discípulos que, dirigidos por aqueles dois grandes mestres da vida espiritual, faziam maravilhosos progressos no caminho da virtude, de maneira que em breve tempo se formou uma comunidade cujo fervor em nada cedia às mais numerosas e mais antigas. Confirmados nossos Santos com aqueles fervorosos recrutas na resolução que haviam tomado de dedicar-se inteiramente à redenção dos cativos cristãos, determinaram passar a Roma para declarar seus intentos ao Papa e saber do oráculo visível do Espírito Santo o que deviam executar. Ainda que nosso Santo passava já de sessenta anos, quis também ser da viagem e ter parte no ministério. Depois de muitos dias de orações, jejuns e rigorosas penitências para que o Senhor se dignasse lançar sua bênção à empresa, deixaram o cuidado da ermida a cargo dos discípulos mais provados e de maior confiança. Sua viagem foi um exercício contínuo de oração e de penitência. Logo que chegaram a Roma, apresentaram-se ao papa Inocêncio III, que os recebeu com amor de pai. Entregaram-lhe as cartas de recomendação do bispo de Paris em que dava testemunho da santidade de sua vida e ao mesmo tempo acreditava a importância do santo fim por que haviam empreendido a viagem à corte de Roma. Concedeu-lhes o Papa várias audiências e, tendo consultado o negócio com uma junta de bispos e cardeais que formou para este assunto e examinado e aprovado o pensamento, quis Sua Santidade aprovar também o instituto daquela comunidade e pouco tempo depois a erigiu numa nova religião com o título da Ordem da santíssima Trindade, redenção de cativos, cujo primeiro ministro geral foi nomeado São João de Mata. Voltaram à França João e Félix, onde aceitaram a doação que se lhes fez de um curto espaço de terreno que se chamava Cerfroid e nele fundaram o primeiro convento, que se considerou depois como o principal e máximo de toda a religião. Tendo formado São João de Mata a regra e constituições de sua recém-nascida Ordem, voltou a Roma, deixando encarregado o governo de Cerfroid e de toda a religião na França a nosso São Félix, seu companheiro naquela santa obra. Multiplicaram-se os conventos pela bênção que lançava Deus a seus trabalhos e pela liberalidade de muitas boas almas que contribuíam com seus bens ao maior adiantamento da obra do Senhor. Neste convento de Cerfroid recebeu Félix um favor muito singular da santíssima Virgem. Na vigília de sua Natividade, antes que se levantassem os frades a matinas, velando o Santo, como acostumava, e entrando no coro, viu nele a Rainha dos Anjos com o hábito e cruz da Ordem, despedindo brilhantes resplendores, acompanhando-a

multidão de espíritos celestiais no mesmo luminoso traje. Incorporou-se Félix com aquele coro celestial, acompanhando com o coração e com a boca os louvores que todos cantavam ao Senhor. Um homem tão favorecido do céu parece que não devia estar mais tempo sobre a terra; e assim um Anjo lhe preveniu que se aproximava sua morte: notícia gozosíssima para quem o céu, por assim dizer, acabava de acostumar à harmonia de sua música divina. Estando para morrer, o pai convocou seus queridos filhos; e, tendo-os exortado a todos à caridade com os pobres e com os cativos, cheio de anos e de merecimentos, passou desta vida transitória a gozar da eterna no seio de seu Deus. Morreu no dia 4 de novembro do ano 1212, aos oitenta e cinco anos e sete meses de sua idade. O papa Inocêncio XI, por um breve de 30 de julho de 1679, trasladou sua festa ao 20 do mesmo mês, mandando que se rezasse dele em toda a Igreja. (A história de São João de Mata lê-se entre as do dia 8 de fevereiro.)

Santo Edmundo, Rei e Mártir

Ainda que desde o tempo do rei Egberto, ano de 802, os reis dos saxões ocidentais foram monarcas universais de toda a Inglaterra, reinaram não obstante alguns príncipes em algumas partes dela depois de seu tempo, bem que subordinados àquele de certo modo. Um tal Offa era rei dos anglos orientais e, desejoso de acabar seus dias em penitência e devoção em Roma, renunciou sua coroa em Santo Edmundo, que então não tinha mais que quinze anos de idade; mas príncipe muito virtuoso e descendente dos antigos reis anglo-saxões da ilha. Foi, pois, colocado o Santo no trono de seus maiores e coroado por Humberto, bispo de Elmham, no dia de Natal do ano de 855, em Bures, cidade real sobre o Stour, chamada agora Bures ou Buers, que Hearne crê seja Sudbury. Ainda que muito moço, era por sua piedade, bondade e demais virtudes modelo de bons príncipes. Era inimigo declarado de todo lisonjeiro e queria sempre ver com seus próprios olhos e ouvir com seus próprios ouvidos e não com os de só seus conselheiros, para não poder ser facilmente enganado dos desígnios depravados de outros. A paz e a felicidade de seu povo era todo o seu anelo, as quais procurou dar-lhes com uma administração reta e imparcial da justiça e uma religiosa direção de seus domínios. Foi pai de seus vassalos, particularmente dos pobres, protetor de viúvas e órfãos e o apoio do fraco e necessitado. A religião e a piedade foram os distintivos principais de seu caráter. Os monges e os devotos todos acostumavam naquele tempo aprender de memória o Saltério para rezá-lo enquanto estavam em seus trabalhos ocupados. Para fazê-lo assim, Edmundo viveu retirado um ano inteiro em sua real torre de Hunstanton, que ele mesmo havia erigido para retiro seu campestre, cujo lugar é presentemente o povo de Norfolk. O livro de que o Santo usou para este intento se conservou em Bury St Edmunds até a extinção das abadias.

Quinze anos havia reinado este Príncipe quando os daneses ou dinamarqueses, capitaneados pelos dois irmãos Ingvar e Ubba, os mais bárbaros de quantos piratas daneses se conheceram naqueles tempos, desembarcaram na Inglaterra. Tomando terra no porto do Tweed, entraram a fogo e sangue em Northumbria e depois em Mércia, dirigindo sua marcha pelos condados de Lincoln, Northampton e Cambridge. Levados do furor da raiva e da crueldade e de uma aversão a mais implacável ao nome cristão, destruíam por todas as partes igrejas e mosteiros; e, arrebatados de um movimento bárbaro de sua desumanidade, assassinavam quantos sacerdotes e religiosos encontravam. No mosteiro de Coldingham, não temendo suas monjas a morte, mas os insultos que

podiam cometer contra sua castidade, a instigação de Santa Ebba, santa abadessa daquela casa, todas cortaram o nariz e o lábio superior para apresentar-se aos bárbaros numa figura espantosa e terrível, cujo horroroso espetáculo fosse salvaguarda de sua virtude: com efeito, os infiéis tremeram à sua vista, perdoaram a violação de sua castidade, mas depois as passaram todas a cutelo. Sedentos sempre de sangue aqueles bárbaros, invadiram por fim os domínios de Santo Edmundo, queimando Thetford, que foi a primeira cidade que acharam, e devastando e talando quanto pela frente achavam. Os povos, lisonjeando-se da fé dos tratados, criam-se seguros e estavam descuidados. Não obstante o bom Rei juntou as forças que pôde, saiu ao encontro dos infiéis, ou ao menos de uma parte do exército deles, perto de Thetford, e os derrotou. Mas, vendo que logo se reforçavam com novas gentes, contra cujo número não podia sustentar-se o de suas tropas, e não querendo sacrificar em vão as vidas de seus soldados, temendo também a perda de tantas almas de infiéis como pereciam num combate sem fruto, despediu suas gentes e retirou-se para o castelo de Framlingham, em Suffolk. Os bárbaros lhe haviam enviado proposições que nem se conformavam com a Religião nem com a justiça que o Rei devia a seus povos. Rejeitou-as o Santo, resoluto antes a morrer vítima de sua fé que a fazer coisa alguma contra sua consciência e religião. Em sua fuga foi surpreendido e cercado em Hoxne, sobre o Waveney, pelos infiéis que o seguiram: escondeu-se e esteve oculto algum tempo; mas, tendo sido descoberto, carregaram-no de pesadas cadeias e o conduziram à tenda do general. Voltaram a oferecer-lhe capitulações igualmente prejudiciais à Religião e a seu povo, que o santo Rei recusou aceitar, declarando ser mais apreciável para ele a Religião que a vida, a qual nunca compraria a preço de ofender a Deus. Irado Ingvar com esta resposta, mandou enfurecido que o maltratassem com correias; depois que o atassem a uma árvore e o estivessem açoitando muito tempo. Com incrível paciência e mansidão sobrelevou o Santo tudo isto, sem cessar de repetir o nome de Jesus. Os infiéis cada vez mais exasperados, conforme estava atado à árvore, fizeram-no alvo de seus tiros e lhe cobriram o corpo de flechas até pô-lo como um porco-espinho: até que enfim Ingvar, para completar sua sangrenta crueldade, mandou cortar-lhe a cabeça. Assim acabou o Santo seu martírio, tal dia como hoje do ano de 870, o quinze de seu reinado e o vinte e nove de sua idade; de cujo caso São Dunstano, que escreveu sua vida, soube todas as circunstâncias de um rei de armas do Santo que foi testemunha de vista. O sítio se chamava então Henglesdun, presentemente Hoxne; onde foi erigido um priorado de monges com o título do santo Mártir.

A cabeça do Santo foi levada pelos infiéis a um bosque e arrojada entre suas moitas; mas foi achada milagrosamente por uma coluna de luz e depositada com o corpo em Hoxne. Estas sagradas relíquias foram pouco depois conduzidas a Kingston, chamada desde então Edmundsbury, por ser aquele lugar cidade própria de Santo Edmundo e possessão de seu patrimônio e não por razão de seu enterro. Sobre o sítio em que foi enterrado ergueu-se uma igreja de vimes, construída assim segundo o estilo daquela era. Cravavam no solo troncos de árvores, sujeitavam-nos por cima com vimes ou coisa semelhante e os intervalos de tronco a tronco os enchiam de barro, com que formavam as paredes e sobre elas erguiam uma cobertura correspondente à matéria de que se compunha todo o edifício.

As relíquias de Santo Edmundo foram honradas com muitos milagres; e no ano 920 foram levadas a Londres. Depois de terem estado ali três anos na igreja de São Gregório, foram outra vez trasladadas com honra a Edmundsbury no ano de 923. Os historiadores britânicos referem com

admiração a piedade sem igual, a humildade, mansidão e demais virtudes deste santo Rei. Este Príncipe incomparável e santo Mártir foi reverenciado pelos sucessivos reis ingleses como padroeiro especial do reino e como um perfeito modelo de quantas virtudes deve ter um príncipe. (Butler.)

Missa (oração)

A missa é em honra de São Félix, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Felicem, confessorem tuum, ex eremo ad munus redimendi captivos cœlitus vocare dignatus es: præsta, quæsumus, ut per gratiam tuam, ex peccatorum captivitate, ejus intercessione liberati, ad cœlestem patriam perducamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que por uma vocação verdadeiramente celestial retirastes da obscuridade do deserto para a redenção dos cativos a vosso confessor o bem-aventurado Félix, suplicamo-vos nos concedais que, livres, mediante vossa graça e sua poderosa intercessão, do cativeiro do pecado, sejamos conduzidos à pátria celestial. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios (o impresso remete à página do dia 14).

1 Coríntios 4,9-14

> **Latim:** 9 Puto enim quod Deus nos Apostolos novissimos ostendit, tamquam morti destinatos : quia spectaculum facti sumus mundo, et angelis, et hominibus. 10 Nos stulti propter Christum, vos autem prudentes in Christo : nos infirmi, vos autem fortes : vos nobiles, nos autem ignobiles. 11 Usque in hanc horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis cædimur, et instabiles sumus, 12 et laboramus operantes manibus nostris : maledicimur, et benedicimus : persecutionem patimur, et sustinemus : 13 blasphemamur, et obsecramus : tamquam purgamenta hujus mundi facti sumus, omnium peripsema usque adhuc. 14 Non ut confundam vos, hæc scribo, sed ut filios meos carissimos moneo.

Português: [9] Porque entendo, que Deos nos tem posto pelos últimos dos aposto- los, como sentenciados á morte: por- que somos feitos espectaculo ao mundo, e aos anjos, e aos homens. [10] Nós nescios por Christo, e vós sabios em Christo: nós fracos, e vós fortes: vós nobres, e nós desprezi- veis. [11] Até esta hora padecemos até fome, e sede, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, [12] e trabalhamos obrando por nos- sas proprias mãos: amaldiçõão-nos, e bemdizemos: perseguem-nos, e o soffremos: [13] somos blasfemados, e rogamos: temos chegado a ser como a im- mundicia d'este mundo, como a escoria de todos atégora. [14] Eu não vos escrevo isto, para vos envergonhar, mas amocesto-vos como a filhos meus, que muito amo.

Reflexões

O discípulo de Cristo não se conhece menos pelas maldições e pelos ultrajes com que o maltratam os ímpios e os dissolutos que pelos benefícios e pelas bênçãos com que ele lhes corresponde. Pagar bem por mal é uma vitória gloriosa que consegue o homem de si mesmo e de seu inimigo; é como um segredo feitiço que o desarma; e se não obstante ele resiste, é a vingança mais ilustre que se pode tomar dele. Encontram-se na verdade corações duros, almas vis e terrestres, mais parecidas a leopardos ferozes (segundo a expressão de Santo Inácio mártir) que a homens racionais, as quais se irritam mais com os benefícios, fazem-se mais inimigas, mais furiosas, deixam-se arrebatar mais do rancor e da malignidade com a mansidão, com o bom trato, com a urbanidade e com uma generosa e cristã correspondência. Os obséquios e os favores com que se lhes procura ganhar são, diz o Espírito Santo, *carvões acesos que lhes lanças sobre a cabeça.* Lançar carvões acesos sobre a cabeça de teu inimigo, expõem São Jerônimo e Santo Agostinho, é abrandar à força de benefícios a dureza de seu coração, é causar-lhe uma viva dor de ter ofendido a quem o cumula de bens e obrigá-lo a que te queira ainda que lhe pese. Mas, se todavia se resiste a um meio tão doce como eficaz; se todavia persevera em aborrecer-te, não obstante teus benefícios, faz-se digno de maior castigo e acende mais a cólera de Deus. Corações há de têmpera tão vilã, almas tão empedernidas em sua paixão e tão negadas a toda racionalidade que por nenhum meio é possível ganhá-las. Grande heroicidade a daquela virtude verdadeiramente cristã que só sabe vingar-se à força de benefícios. Só aquele que formou o coração do homem pode mudar desta maneira seus afetos e movimentos naturais, ensinando-nos a tomar satisfação das injúrias com obséquios e com bênçãos. Isto foi, sem dúvida, o que mais contribuiu a estabelecer e a dilatar a fé no mundo. Era mais fácil resistir aos milagres dos primeiros cristãos que deixar de render-se a sua paciência. Não há virtude que mais ganhe o coração de Deus nem que dê maior honra ao cristianismo. Nas outras é fácil que se misturem ou motivos menos puros ou alguns fins humanos; mas nesta, quando é constante e universal, apenas é possível outro motivo que puramente o amor de Deus.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas (o impresso remete à página do dia 14).

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Dos perigos da salvação

Primeiro ponto

Considera que nesta vida são tão frequentes os perigos da salvação como o são os maus passos num caminho escarpado e escabroso quando se viaja por ele numa noite tenebrosa, lôbrega e escura. Quantos laços se armam à virtude e à inocência! Que de estorvos que vencer! Quantos artifícios que apenas se podem prevenir e com suma dificuldade evitar! Ou tenhas nascido rico ou tenhas nascido pobre; ou sejas um homem obscuro ou sejas um ilustre personagem; ou estejas dotado de grandes talentos ou sejas um homem inútil; e já te sobre tudo, ou já não tenhas onde cair morto, em tudo há perigos, em tudo é mister estar sempre sobre as armas como em país inimigo. É a vida do homem uma contínua guerra. É o mundo um borrascoso mar continuamente agitado pelas paixões, cheio de escolhos e de baixios; isto ninguém o ignora. Nem sempre são mais perigosos os mais visíveis, nem os que são mais conhecidos: tão temível é a calma neste golfo como o é a tempestade; nem todos os piratas que navegam por ele arvoram sempre pavilhão inimigo. De tudo é mister desconfiar: no mar, como na terra, fazem estragos os incêndios. Pode o

navio perder-se ou por falta de fundo ou porque se estrelou contra um penhasco ou porque encalhou num terrível banco. Quantas vezes ocasionou o naufrágio a demasiada carga! A nada que se perde de vista o céu, já se descaminhou o rumo. Quantos se foram a pique à vista do mesmo porto! A boa fortuna embriaga, a adversa desalenta e abate o ânimo. A prosperidade engrandece o homem com o orgulho, afemina-o com o regalo e o inutiliza com a preguiça. É necessário um milagre para evitar um veneno tão universalmente estendido e tão delicadamente preparado. Tudo é perigo, tudo tentação numa fortuna elevada. A classe, o emprego, o ministério superior e distinguido, a ninguém levantam ao cume sem expô-lo a furiosos golpes de vento. Muita virtude é mister para não deixar-se abater na adversidade; mas muito maior se necessita para saber conter-se na abundância: a vida deliciosa é toda precipícios; até dos mesmos guias se deve viver com receio; porque nela tudo adula, tudo danifica. É menos exposto o estado religioso, mas não é menos digna de temer a segurança. Se as paixões estivessem desterradas dele, haveria menos perigo; mas levam-se aquelas até o mesmo santuário, porque cada qual leva a si mesmo, e cada um é o maior inimigo que tem de si próprio, o maior contrário de sua salvação que deve temer. Todas estas são umas grandes verdades: pois em que se funda a fatal segurança com que vivem muitos, assim no estado religioso como no secular? E depois nos admiraremos de que seja tão curto o número dos escolhidos!

Segundo ponto

Considera que não se fala agora daqueles perigos claros, públicos e notórios que sempre se apresentam a cara descoberta, nem mais nem menos como são, e nunca acometem por surpresa; como bailes, espetáculos, tabuleiros de jogo, conversações livres, diversões envenenadas, comunicações suspeitas, parcialidades e maquinações. Basta uma tintura de religião para conhecer seu veneno e sua malignidade. Fala-se daqueles perigos mudos, dissimulados e secretos que apenas alteram a ninguém e dos quais quase ninguém desconfia: sendo, não obstante, escolhos encobertos em que faz a inocência tristíssimos naufrágios. A graça, o donaire, o chiste e todas aquelas prendas que fazem grata e amável uma pessoa não são o asilo mais seguro da virtude. Acomoda-se muito com elas a paixão mais perigosa de todas, para que não se nos façam muito suspeitosas; mas, contudo, quem é o que desconfia muito daquelas prendas? E aquelas inclinações demasiadamente naturais entre a gente moça estarão sempre isentas de todo perigo? Essa habitual tibieza no serviço de Deus, que degenera muito logo em frieza e em indiferença; essa indevoção, esse tédio às coisas espirituais, essas frequentes irreverências, essa negligência na maior parte de suas obrigações, esse costume de murmurar e de censurar, parece-te que em nada disto há perigo que aventure a salvação? Contudo, tudo isto é bem ordinário em muitas pessoas; não há coisa mais comum que estes defeitos em todos os estados; e quem teme as consequências, que não podem deixar de ser funestas? Mas quantos perigos há também nesses perniciosos livros! Quanto veneno não se contém neles, tanto mais perigoso quanto mais escondido e mais sazonadamente preparado! E que será dessas indecentíssimas pinturas que introduzem a morte pelos olhos até o coração, sendo seus golpes mais mortais por isso mesmo que apenas se percebem as feridas? No meio disto, tudo isto se tem por coisa indiferente, ainda que mais cedo ou mais tarde tudo dê a morte à alma; e não só não se desconfia destes perigos, mas nem ainda apenas se advertem.

Bom Deus, quantos e quantos se condenam sem temor! Ah, e com quanta razão nos exorta nosso Apóstolo a que trabalhemos com temor e com tremor no negócio de nossa salvação! Ah, e com quanta razão se retirou São Félix a um deserto, como o fizeram também tantos outros Santos! Fazei, Senhor, que seu exemplo me abra os olhos para conhecer os perigos que me cercam e dai-me vossa graça para evitá-los.

Jaculatórias

Livrai-me, Senhor, de tantos laços como por todas as partes me armam os inimigos de minha salvação. (Sl 90.)

Defendei-me, Senhor, das redes em que me querem colher. (Sl 140.)

Propósitos

1. Assombro é que, convindo todos nos perigos de nossa salvação que por todas as partes nos cercam, se viva, sem embargo, com tanta segurança e sem o menor temor em meio desses perigos. É acaso a salvação coisa tão pouca que não mereçam nosso apreço os riscos de perdê-la? Ou se duvida porventura se há verdadeiramente perigos da salvação e se trata o temor deles de pânico terror? Não é isto certamente, mas o errado conceito que forma cada um de que os que são perigos para outros não o são para ele.

Figura-se-lhe também que o que ainda para ele é de si perigoso deixa de sê-lo por sua firmeza, por sua fidelidade e por seu particular valor. Tem cada qual tão boa opinião de si mesmo que se imagina superior a todos os perigos. Que erro, meu Deus! Que desvario! Que presunção! Que loucura! Não dês em semelhantes ilusões. Por mais séria que seja tua vontade e por mais firme que te pareça tua resolução de resistir às tentações, desconfia de ti mesmo, foge com o maior cuidado dos perigos, faze continuamente sentinela contra teu próprio coração: olha que quase sempre zomba dos que se fiam dele. Evita essas concorrências brilhantes, foge desses objetos perigosos, desvia-te dessas conversações, afoga, sufoca essas inclinações demasiadamente naturais; ainda que tudo isto te pareça muito inocente, tem por certo que oculta muito veneno.

2. *Quem ama o perigo perecerá nele.* Este oráculo é da mesma verdade. Se queres evitar os mais imprevistos e os mais temíveis, teme os mais ligeiros. Sobretudo hás de ter uma grande delicadeza de consciência em todas as matérias: nada te hás de perdoar. O negócio da salvação é delicado, é difícil, é muito espinhoso. Nunca sobram precauções, nenhuns meios estão demais para sair com ele. Pelos perigos da salvação buscaram os Santos abrigo à inocência na solidão dos desertos ou no retiro dos claustros; e aqueles a quem destinou Deus para que vivessem no mundo acudiram à oração e à contínua vigilância para não ser surpreendidos pelo tentador. Está continuamente muito sobre ti e faze particular reflexão às palavras do Pai-Nosso: *Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.* Não te exponhas tu mesmo a ela por ligeireza nem por presunção. A fuga das ocasiões e a oração são os dois grandes e poderosos meios para zombar de todos os artifícios do

tentador.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:55 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:55 by Admin